

tomba-lobos, pessoa robusta e valente, de andar pousado e estouvado.

Tone, António.

tramblazana, homem desageitado no corpo e no vestido.

tronda, panço de linho ou algodão queimado, que serve de isca para acender lume.

tudo-nada e **tudo-nadinha**, quasi nada. Na Beira *tudenada* e *tudenadinha*.

vinte (dar no), acertar. — Vulgar noutros pontos. Esta frase derivará de algum jogo?

Zabel, Isabel.

Zé, José.

zoupeiro, pessoa gorda e de andar pesado.

Todos os materiais aproveitados nas páginas precedentes pertencem mais ou menos a povoações de outros concelhos vizinhos, tais como Viana, Ponte da Barca Arcos de Valdevez; mas faltam-me ainda elementos para poder dizer se êles devem constituir um grupo de transição, ou entrar nalgum dos grupos dialectológicos de Entre-Douro e Minho.

(1885).

V

LINGUAGEM POPULAR DE S. JORGE

Depois de escrito o capítulo precedente, falei com um aldeão de S. Jorge (concelho dos Arcos de Valdevez) em cuja fala observei os seguintes fenómenos:

1. Como em Ponte do Lima: *póum* (= pão), *sóum* (= são), etc. Cf. *Dial. interamn.*, IV, § 1.

2. Como em Ponte de Lima: *aurdeia*, *aurma*, *aurto*, *caurdo*, etc. Cf. *ib. ib.*, § 2.

3. As terminações *-elho* e *-ento* da língua escrita soam: *-élho* e *-énto*, ex. *cuélho* (= coelho), *bremélho* (= vermelho), mas diz-se *bélho* (= velho); *fénto*, *bénto*. Esta terminação *-énto* é importante, porque estabelece diferenças características com outras variedades dialectais. — Cf. *Dial. interamn.*, III, § 3; IV, § 3.

4. Nas palavras *taméim* (= também), *béim* (= bem), *céim* (= cem) o *é* é muito nítido e forma com o *i* um ditongo nasal. — Diz-se *mái* (= mãe), isto é, *ái*, ditongo nasal. — Cf. *Dial. interamn.*, IV, § 3. — Igualmente em *réi*, *séi*, etc., o *é* soa muito claro.

5. É aberto o *é* em *piqéno* (= pequeno), *féno* (= feno), *préto* (= prêto), *césta* (= cêsta), *mézmo* (= mesmo), *azédo* (= azêdo). Paralelamente: *ósso* (ôssô), *óbo* (ôvo), *iscóba* (= escôva) (1). Como se vê, *e* e *o* fechados da língua escrita são abertos em certos casos, o que é um carácter do falar da raia, pelo menos no Norte.

6. A terminação verbal *-er* do infinitivo soa fechada, como na linguagem ordinária: *reculhêr*, *murrêr*.

7. a) Diz-se *béum* (= veio): cf. *Dial. interamn.*, II, § 9-c;

b) O verbo *ser* conjuga-se assim no presente do indicativo: *sòu*, *és*, *é*, *sòmos*, *sòndis*, *sóum*. A forma *sòndis* (arc. *sondes*, por exemplo, em G. Vicente, III, 75) assenta em *sòmos* como *pondes* em *pòmos*.

8. Em vez de *joelho* diz-se *jiólho* (como em Ponte de Lima), forma arcaica (*geolho*), e, o que é mais curioso, *cárto* (*quarto*).

(1885).

(1) Mas diz-se *póço*, *póça*, *póbo*.